

# (In)disponibilidade de Pereira faz avançar António Fontes

*Carlos Pereira disse que se surgisse uma alternativa não se recandidataria. António Fontes aceitou o repto e está a elaborar uma lista candidata às eleições do Marítimo*

ARQUIVO/Agostinho Spínola



António Fontes defende que é preciso apostar no regresso às origens, à mística do Almirante Reis e ao papel social dos sócios.

Miguel Torres Cunha  
mtcunha@dnoticias.pt

Foi a sua paixão pelo Marítimo que o fez "zangar-se" com a sociedade e com o "stablishment". E a tentativa de "fusão" do Glorioso com os rivais Nacional e União levou-o à notória e pública ruptura com Alberto João Jardim, coisa rara por estas bandas, e uma atitude que o faz pagar uma "factura" social elevada.

Volvidos seis anos, António Fontes apresenta-se candidato às eleições do Marítimo do final do ano. Uma decisão e propósito firmes que são consequência do grande sonho da sua vida, bem como resposta ao repto de Carlos Pereira.

«O sr. presidente do Marítimo disse, na RTP-Madeira, que se surgisse alguém a concorrer que não se recandidatava a um novo mandato. Por isso entendi avançar, já que é por de mais evidente que o sr. Carlos Pereira está cansado, desgastado de seis anos de um

trabalho que foi intenso e que exigiu grande dedicação da sua parte. Ele está só, pois os restantes administradores da SAD não têm competências e funções atribuídas, surgindo apenas nos eventos sociais e cerimónias institucionais».

São cinco os pontos fortes do projecto de candidatura que António Fontes está a escrever para enviar a todos os maritimistas. Para ele, «temos de devolver ao Marítimo a vida social que o levou a ser o maior clube da Região».

É preciso revitalizar a sede social, bem como as modalidades amadoras. Os maritimistas não podem ser obrigados a inscrever os seus filhos na natação do Naval, no basquetebol do CAB ou no ténis do CTF, pois deste modo está a quebrar-se a base social de apoio do clube, não se transmitindo de pais para filhos esta paixão que tornou o Marítimo o Glorioso e o maior das ilhas. Comigo o Marítimo terá de ter todas as modalidades, o que não implica que todas estejam na I Divi-

são. Comigo o Marítimo não pode ser satélite de ninguém».

Sem tabus, António Fontes não tem medo de assumir que quer ser «o primeiro presidente profissional do Marítimo», pois no seu entender, «é preciso profissionalizar a gestão». Daí que a constituição de uma equipa multidisciplinar, altamente especializada e profissionalizada seja outra das apostas.

Grande desafio do seu programa é a aposta nas infra-estruturas, no património (ver destaque), bem como «na formação. O Marítimo deveria ter uma Academia que valorizasse e potencializasse o jovem madeirense».

Por fim, Fontes advoga «uma política de "marketing" e "merchandising" mais agressiva que potencialize o facto de a maioria esmagadora dos madeirenses – os que estão cá, no continente ou nas comunidades da Venezuela, África do Sul ou noutros países – ser do Marítimo. Hoje são poucos os produtos vendáveis, para além de que não há ídolos, nem êxitos para vender».

## Pavilhão e não silo

António Fontes vive o Marítimo com uma paixão pouco compreensível. É um amor irracional que acredita estar «em vias de extinção. Os responsáveis pelo clube pouco têm feito pelos sócios, por aqueles que alimentam esta paixão em volta do clube e que o tornaram o mais popular, aquele que tem mais sócios e aquele que goza da preferência dos madeirenses».

Exemplo do que atrás destacou é dado «pela sede social, que se fechou à presença assídua, a ponto de encontro de quem gosta do Marítimo. Posso concordar que a sede do clube não pode ser uma tasca, mas tem de ser, sempre, o local de encontro e de convívio de quem gosta do Marítimo».

Defendendo com veemência que os projectos do Marítimo deveriam ter sido desenvolvidos no "berço", ou seja, em pleno Almirante Reis, António Fontes aponta como um dos erros estratégicos cometidos «o abandono do propósito de construir um pavilhão e outros espaços no Almirante Reis, com a justificação – da Câmara – de que ali deveria ser um jardim, um espaço verde, para afinal lá colocarem um monstro de betão, um silo de automóveis...»